



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

De Homero à Filosofia grega: uma leitura a partir de Vico e Nietzsche⁷⁴

Por: Jonas Silva Faria⁷⁵

fariajonas@hotmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é fazer uma relação entre os pensamentos dos filósofos Giambattista Vico e Friedrich Wilhelm Nietzsche, no que diz respeito ao período mitológico na Grécia Antiga e o surgimento da filosofia. Busca-se compreender por que os dois filósofos interpretam de forma contraditória a natureza poética dos homens dos tempos primitivos. Enquanto Nietzsche vê tal período de forma “positiva” quando o mesmo é confrontado com a razão filosófica socrático-platônica, Vico por sua vez vê nos escritos homéricos a função do poeta como aquele que tem a função de comunicar os atributos e atos dos deuses, logo define tal época como sendo tempos de barbárie, selvageria e matanças.

Palavras-chave: Homero, tragédia grega, razão socrático-platônica.

Resumo

La celo de ĉi artikolo estas fari rilaton inter pensoj de filozoj Giambattista Vico kaj Friedrich Nietzsche, koncerne al la mitologia periodo en Antikva Grekio kaj la apero de Filozofio. Serĉiĝas kompreni kial la du filozoj interpreti kontraŭdiraj poezia naturo de viroj de primitivaj tempoj. Dum Nietzsche vidas tian periodon de "pozitiva" maniero, kiam konfrontas kun la Sokrata-platona filozofio, Vico siavice vidas en la homera skribo rolo de la poeto kiel tiu kiu havas utilon por komuniki atributojn kaj aktoj de la dioj, tiam definu tia tempo barbaraj epokoj, sovaĝeco kaj mortigon.

Ŝlosilovortoj: Homero; Greka tragedio; Sokratika-platona racio.

⁷⁴ Publicado originalmente em IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica, julho/ 2015, Ano I, v. I, número IV.

⁷⁵ Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/ PR, graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR e graduado em Teologia pela Faculdade Teológica das Assembleias de Deus de Curitiba. É docente de pós-graduação *lato senso* pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/ PR, é docente do magistério superior e Coordenador do curso de Teologia no Centro de Ensino Superior de Maringá – CESUMAR, é servidor público estadual, docente de Filosofia e Sociologia pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED/ PR. é autor do livro “Filosofia” (2014).

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Abstract

This article's goal is to establish a relation between the thinking of the philosophers Giambattista Vico and Friedrich Wilhelm Nietzsche with respect to the Mythological period in Antique Greece and the emergency of Philosophy. It tries to understand why these philosophers have contradictory interpretations concerning to the poetic nature of the men of primitive times. While Nietzsche sees this period in a positive perspective when it is confronted with the philosophical reason Socratic-Platonic, Vico sees in the Homeric writings the role of the poet as one who has the task of communicate the attributes and acts of gods, and in consequence of this he defines such period as time of barbarism, wildness and killing.

Palavras-chave: Homer, Greek tragedy, Socratic-Platonic reason.

Introdução

O período histórico que antecede a filosofia socrático-platônica é visto de formas distintas pelos filósofos Giambattista Vico (1668 - 1744) e Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). Para Vico, a história humana é dividida estruturalmente em três etapas: a idade divina, a idade heroica e a idade humana. Na primeira (idade divina), a sabedoria do gênero humano era poética; contudo, os homens eram como bestas, insensíveis, literalmente primitivos. Eram desprovidos de reflexão, dominados pela fantasia. Os deuses eram imaginados como terríveis e amedrontadores, por isso os homens começaram a refrear os seus instintos.

Na segunda etapa (idade heroica), acontecem os primeiros laços entre as famílias, com a finalidade de evitar os ataques externos, bem como evitar as dissidências internas. Desde então teria surgido uma espécie de oligarquia, e a sociedade passou a ser dividida entre patrícios e servos. Os homens ainda eram dominados pela fantasia e, em nome de Deus, praticavam intermináveis crueldades e matanças. Por fim, à idade heroica, sucede-se a idade humana. A partir da idade humana nascem os direitos legais, o homem passa a explicar o universo a partir de uma metafísica raciocinada; logo é a fase onde surgiu a filosofia grega (platônica).

Vico se propõe a estudar a sabedoria e a natureza poética dos homens dos tempos primitivos, os quais, segundo o filósofo supracitado, são mais corpo do que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mente, ou seja, as faculdades dominantes ainda são a sensação e a imaginação. Contudo, conforme Denis Huisman (2001, p. 992), tais homens já começam a desraigar-se de forma progressiva da bestialidade primitiva. A sabedoria poética seria um tipo de sabedoria vulgar e não reflexiva como a sabedoria filosófica. Segundo Huisman (2001, p. 992), Vico define esse tipo de sabedoria como uma espécie de “adivinhação (primeira forma da religião), pelos casamentos solenes (primeira instituição propriamente humana) e pela inumação dos mortos (...)”.

O jovem Nietzsche, antes de escrever a sua primeira obra *O nascimento da tragédia*, conheceu o poderoso império da Prússia o qual, ao longo do século XIX, sofreu profundas mudanças sócio-políticas e econômicas. Depois da guerra franco-prussiana que eclodiu em 1870, onde acontece a unificação da Alemanha, Nietzsche observa que a vitória militar transmite uma falsa ilusão de que a cultura alemã também foi vitoriosa ou, ao menos, teria parte nessa conquista. Segundo Nietzsche (2007, p.3), apesar da vitória militar da Alemanha sobre a França, tal fato não provocou a decadência da cultura francesa, até porque, segundo o filósofo prussiano, foram os alemães que continuaram sendo tributários à cultura francesa, uma vez que foram absorvidos por ela.

Nietzsche, após conhecer os infortúnios da guerra, e ter percebido que guerras não são constituídas apenas de glórias, volta para Basileia onde, dois meses depois dessa trágica experiência, escreve então o seu famoso livro, *O nascimento da tragédia*. Nesta obra, Nietzsche, com admirável originalidade, contrasta a cultura grega apolínea com as forças instintivas e dionisíacas do deus Baco, enfatizando que somente Wagner conseguiu “harmonizar os elementos apolíneo e dionisíaco à maneira da tragédia grega” (Strathern, 1997, p. 25).

Desta forma, tanto Vico quanto Nietzsche voltam aos antigos filósofos no intuito de investigarem a importância dos mesmos primeiros filósofos para a construção do pensamento do ser humano. Vico, como cristão que era também devido



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ao meio em que estava inserido, vê o período socrático-platônico como o ápice da racionalização humana desde os tempos homéricos, enquanto que Nietzsche por sua vez vê no período socrático platônico a decadência da tragédia grega e o surgimento da moral ocidental, que viria a culminar com o surgimento do cristianismo.

Vico e o Verdadeiro Homero

Segundo Huisman (Huisman, 2001, p. 992), no livro III, dedicado à descoberta do verdadeiro Homero, Vico observa que Homero não é um homem no sentido de ser um indivíduo real, mas é a criação de um povo, uma espécie de representação imaginativa e personificada da sociedade grega na idade dos heróis ou chefes de famílias aristocráticas. No entanto, isso não desqualifica em nada os poemas homéricos, pelo contrário, é exatamente nisso, no fato dos poemas serem criação que um povo, que reside a importância dos mesmos. Além disso, de acordo com Wladimir Chaves dos Santos (2005, p. 22), Vico nega que Homero seja filósofo, “no sentido de ser fornido de uma sabedoria *riposta*”. Pressupõe-se que Homero era possuidor de uma sabedoria poética que era comum nos tempos da Grécia Bárbara, logo ele (Homero) também era um bárbaro uma vez que, segundo Vico, Homero estimava os deuses pela força. Homero também narrou costumes cruéis tais como: envenenar as setas, não sepultar inimigos, e também narra o episódio do resgate do corpo de Heitor por Príamo das mãos de Aquiles.

Segundo Vico (2006, p. 553), se Homero fosse sábio não se deleitaria com costumes tão selvagens. Vico levanta também como exemplo de mentalidade bárbara o argumento da *Ilíada*: a desavença entre um soberano estúpido e herói rude. De fato, os exemplos dos personagens desse poema não podem servir como parâmetros de civilidade para o homem moderno. Segundo Santos (2005, p.23), “Homero fez muitas comparações a partir de feras e de outras coisas selvagens. Isso seria necessário para fazer-se entender pelo vulgo feroz e selvagem”. Tais narrativas revelam que Homero



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

não poderia fazer parte de uma cultura civilizada como a dos primeiros filósofos.

Para Dagmar Manieri (2013, p. 91), Vico vê Homero como aquele que faz parte da última fase dos poetas heroicos, logo o vê como aquele que faz parte de um período de decadência, onde os filósofos já estão sendo saudados pela proximidade da chegada dos sábios conhecidos e respeitados por sua civilidade:

[...] Vico concebe Homero como expressão de uma época decadente (do direito heroico), com Homero já podemos vislumbrar as liberdades populares. O poeta corresponde a última fase dos poetas heroicos. Dessa forma, fica fácil entendermos a alegria de Vico com a chegada dos filósofos “tranquilos, civilizados e brandos”. Em Homero não havia sabedoria secreta; essa foi introduzida pelos filósofos (Manieri, 2013, p. 92).

Homero foi grande, mas não culto. Segundo Santos (2005, p. 26), Vico entende que seria muito difícil alguém ser poeta e metafísico ao mesmo tempo, uma vez que a metafísica eleva-nos aos universais, enquanto que a poética parte dos particulares. As narrativas hostis e selvagens das poesias homéricas não podem ter vindo de uma pessoa “erudita gentil e tranquila”. Por mais que sejam sublimes, não podem ter vindo de uma mente ordenada, ou seja, de um filósofo.

Que a razão poética determina ser impossível que alguém seja poeta e metafísico igualmente sublime, porque a metafísica abstrai a mente dos sentidos, a faculdade poética deve imergir toda a mente nos sentidos. A metafísica se alça até aos universais; a faculdade poética deve aprofundar-se dentro dos particulares (Os Pensadores, 1974, p. 176).

Homero também não deixou nada escrito, possivelmente era um poeta rapsodo, os quais, segundo Vico, foram os que guardaram de memória os poemas e transmitiram as gerações futuras. Por serem cegos, dependiam da memória para guardar os poemas, e por serem pobres, usavam isso como forma de sobrevivência, ao declamarem poemas às outras pessoas, e desta forma recebiam pelo trabalho. Enfim,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Vico considerou que Homero foi um poeta ideal, não um homem particular. Homero seria uma ideia ou caráter heroico de homem grego, que acompanhava a transmissão de seus poemas. Para Vico, a existência de Homero é totalmente refutada uma vez que, segundo este filósofo, a *Ilíada* e a *Odisseia* eram obras do povo. O povo teria elaborado tanto quanto o poeta. Um era a voz; o outro o eco (SANTOS, 2005, p. 28).

Com a sua teoria a respeito de Homero, Vico pretendia purgá-lo de três ideias equivocadas (Santos, 2005, p. 28): “a de que ele foi ordenador da civilidade grega, a de que ele foi o pai dos poetas e a de que ele foi a fonte da filosofia grega”. As três ideias estão equivocadas, uma vez que elas pressupõem a existência de um Homero individual. Contudo, Vico considera que os poemas homéricos são um tesouro, visto que eles deram ocasião para os filósofos meditarem suas ideias. Os possíveis sentidos filosóficos nos poemas homéricos, segundo Vico, não são fruto do suposto autor da *Ilíada* e da *Odisseia*, mas são reflexões posteriores dos filósofos.

Nietzsche e a decadência da tragédia grega

Conforme Márcio José Silveira Lima (2006, p. 58), na visão de Nietzsche, Homero foi o maior gênio da cultura grega. Segundo Lima, o povo heleno sempre inclinado à dor e ao sofrimento, via nos mitos a possibilidade de “transfigurar uma realidade tão atroz”. Os poemas homéricos tinham então como finalidade amenizar o “sentimento de horror diante da vida numa imensa vontade de viver”. A poesia homérica seria então a expressão maior dos impulsos apolíneos, mas fundamentadas na sabedoria dionisíaca. Para Nietzsche (LIMA, 2006, p. 71), a formação do coro dionisíaco era a saída que os gregos encontraram para a dor e para os problemas do mundo.

Dionisio era uma deidade de forças terrenas, cujo mito expressava o ciclo natural de nascimento, morte e renascimento: em várias versões, o deus sofre uma morte e um desmembramento cruéis, mas é restaurado de volta à vida. Os devotos do deus experimentavam tanto festins eróticos e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

selvagens como ritos obscuros de sacrifício animal visando experimentar uma comunhão catártica com as forças da vida e da morte. Dessa fora o culto a Dionísio promovia a autotranscendência exótica, na qual os limites entre o eu e a natureza são dissolvidos. Perder-se nas ondas de destruição amorfas do ciclo da vida é ganhar um tipo de paz e união que é normalmente “outro” ao ser.

Apolo era um deus olímpico que representava a luz, a beleza, o comedimento, a profecia, a poesia e as artes plásticas. Para Nietzsche, Apolo expressa o “princípio da individuação” (BTI), feito para neutralizar o fluxo dissolvente de Dionísio por estabelecer os limites da forma, a formatação comedida de entidades e seres individuais. No entanto, por causa do poder primal de Dionísio, que anima a tragédia, o poder formador de Apolo é apenas temporário e deve ceder para a força negativa do fluxo dionisíaco. Em termos abstratos, a confluência de Apolo e Dionísio representa um fluxo finito de formação e deformação que nunca descansa ou almeja um estado terminado ou uma condição preservada (HATAB, 2010, p. 32).

A partir do texto acima, de Lawrence J. Hatab (2010), observamos que Nietzsche faz uma análise crítica do surgimento e consolidação dos valores e crenças predominantes ao longo da história da cristandade, e por isso volta à antiguidade grega, onde faz o contraste entre Apolo e Dioniso. Apolo é o deus da arte, que estabeleceu medidas a Dioniso que “irrompia tempestuoso da Ásia” (NIETZSCHE, 2010, p. 10). Segundo Nietzsche (2010, p. 11), como uma divindade artística, Apolo somente o é na medida em que é o “deus da representação onírica”. Contudo, de acordo com Nietzsche, Apolo, além de ser o deus da “bela aparência”, também deve ser do conhecimento e, portanto, não pode faltar-lhe o tênue limite que a “imagem do sonho não pode ultrapassar”, para que o mesmo não venha agir de forma patológica. Para Nietzsche, no entanto, a arte grega apesar do contraste, também foi a fusão do apolíneo com o dionisíaco:

Os gregos que nos seus deuses expressam e ao mesmo tempo calam a doutrina secreta de sua visão de mundo (*Weltanschauung*), estabeleceram como dupla fonte de sua arte duas divindades, Apolo e Dioniso. Esses nomes representam, no domínio da arte, oposições de estilo que quase sempre caminham emparelhadas em luta uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

com a outra, e somente uma vez, no momento de florescimento da “Vontade” helênica, aparecerem fundidas na obra de arte da tragédia ática. O homem alcança em dois estados o sentimento de delícia em relação à existência, a saber, no *sonho e na embriaguez*. A bela aparência do mundo onírico, na qual cada homem é um artista pleno, é o pai de toda arte plástica e, como iremos ver, também de uma metade importante da poesia (NIETZSCHE, 2010, p. 11).

Assim, para Nietzsche, foi na época em que viveram Sócrates e Platão, em torno de 400 a.C., que houve o início sombrio da cultura grega. Com a dialética socrática e o mundo das ideias platônico, aos poucos o modo grego de viver a cultura e a arte da tragédia grega, os ditirâmicos de Dioniso, foram dando lugar a uma hipertrofia da razão na busca por segurança e por definições, pela verdade, ou seja, “tudo deve ser inteligível (*verständlich*) para ser belo” (Garcia, 2014, p. XXIV-XXV). Os ditirambos, que eram os cantos e danças improvisados em honra a Dioniso, tão conhecidos entre os gregos a ponto de o reconhecerem como deus e “senhor de todos os que participam da zoé [vida]” (Garcia, 2014, p. XXIV), foram suprimidos pela doutrina socrática de que tudo para ser belo, tem que ser virtuoso.

Com a razão socrático-platônica, a arte trágica se torna mais técnica e menos sentimento, de forma que o logos torna-se o principal motivo do perecimento da tragédia grega, como já se pode ver em *Sócrates e a tragédia grega*, onde “Nietzsche notou que na tragédia euripidiana já não é o sentimento mas o entendimento (der Verstand) que domina a representação teatral” (GARCIA, 2014, p. XXVII).

A tragédia grega sucumbiu de uma maneira diferente de todos os outros gêneros artísticos, seus irmãos mais velhos: ela finou-se tragicamente enquanto todas essas expiraram com a morte mais bela. (...) Com a morte do drama musical grego, ao contrário, surge um enorme vazio, sentido profundamente por toda parte; dizia-se que a poesia mesma tinha se perdido, e enviava-se em meio a troças os epígonos estiolados e abatidos ao Hades para lá se alimentarem das migalhas dos mestres abatidos de outrora. [...] Em uma tal consideração retrospectiva se é tentado facilmente a exprimir injustas mas calorosas inculpações contra Eurípedes, o pretense sedutor do



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

povo e a concluir aproximadamente com as palavras de Ésquilo: “Que mal não provém dele?” (NIETZSCHE, 2010, p. 71-76).

Para Richard Beardsworth (2003, p. 40), na visão de Nietzsche, Platão condenou a tragédia grega porque viu nela a irracionalidade, isto é, Platão viu nela “algo verdadeiramente irracional, com causas sem efeitos que pareciam não ter causas”. Platão vê na metafísica uma superioridade em relação às artes, uma vez que, para o referido filósofo, o mundo dos sentidos, logo a arte, é apenas uma cópia do mundo das ideias inteligíveis. Por outro lado, Rogério Miranda de Almeida não vê no pensamento de Nietzsche uma dialética hegeliana, onde Dioniso seria a síntese que suprime Apolo; contudo, ele menciona uma interpretação dada por Deleuze, onde a antítese Dioniso-Apolo é substituída pela síntese Dioniso-ariadna. A antítese Dioniso-Sócrates, seria substituída por outra oposição “mais fundamental ainda, a que se encontra nas últimas palavras de Ecce Homo: ‘Dioniso contra o Crucificado’...” (ALMEIDA, 2005, p. 33).

A visão metafísica de Platão é vista por Nietzsche como tendo o seu ponto culminante no cristianismo. Para Nietzsche, o cristianismo, por meio do “judeu Pascal” (Paulo), veio completar o processo de inversão de valores que se configurava: a partir do “todos são iguais perante Deus”. Por isso, em Ecce Homo, Nietzsche tem como intenção anunciar a “transvaloração de todos os valores”. Com o cristianismo teria se inaugurado um novo procedimento de valores morais, onde humildade é símbolo de bem e, portanto, orgulho e força seriam sinônimos de mal.

Considerações finais

Os escritos de Homero (Séc. XII a.C.) são uma combinação de história, mitologia e literatura. Vico vê em Homero a função do poeta como aquele que tem a função de comunicar os atributos e atos dos deuses. Ele (Vico), assim como Santo Agostinho, acreditava que Deus age no mundo, inclusive nos eventos da história. Por



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

isso, Vico rompe com os modernos e resgata os filósofos antigos, como Platão. Para Vico, nos tempos homéricos os homens viviam diante das barbáries e estupidez, onde até mesmo os deuses eram extremamente violentos e estúpidos. Os acontecimentos históricos em Homero sempre apresentam uma causa divina, por isso mais mitológicos do que históricos, conforme o entendimento moderno do que vem a ser a história. Vico entende que, mesmo Homero não sendo considerado um indivíduo real, este fato em nada desmerece os seus escritos, visto que eram fruto da coletividade poética do povo. Para ele, só com os filósofos gregos é que a razão e a reflexão tornam-se parte da cultura dos povos antigos, principalmente dos gregos.

Em contrapartida, para Nietzsche, o período grego anterior ao surgimento da filosofia é digno de admiração, principalmente porque eles (os gregos) foram capazes de cultivar um sentido trágico, isto é, não histórico. Segundo Nietzsche, foi a loucura dionisíaca, a vontade para o trágico que trouxe as maiores bênçãos sobre a Hélade. Para Nietzsche é preciso recriar os valores que afirmem a vida, e isso só é possível para o filósofo supracitado se o platonismo e o judeu-cristianismo forem superados.

Enquanto Vico vê no surgimento da filosofia platônica os primórdios da construção da razão e pensamento humano, o jovem Nietzsche, por sua vez, vê neste mesmo período a decadência da tragédia grega e as raízes da moral ocidental que viria a ter o seu ápice com o surgimento do cristianismo.

Referências

- ALMEIDA, R. M. **Nietzsche e o Paradoxo**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- BEARDSWORTH, R. **Nietzsche**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- GARCIA, A. L. M. *In: Introdução à Tragédia de Sófocles / Friedrich Nietzsche*; São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- HATAB, L. J. **Genealogia da Moral de Nietzsche**. São Paulo: Madras, 2010.
- HUISMAN, D. **Dicionário dos Filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

LIMA, M. J. S. **As máscaras de Dioniso - Filosofia e tragédia em Nietzsche**. Ijuí: Discurso Editorial/Editora UNIJUÍ, 2006.

MANIERI, D. **Teoria da História: a gênese dos conceitos**. Petrópolis: Vozes, 2013.

NIETZSCHE, F. **A Visão Dionisíaca do Mundo**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Untimely**. New York: Cambridge University Press, 2007.

SANTOS, V. C. “Vico e a Descoberta do Verdadeiro Homero”. *In: Acta Sci. Human Soc. Sci.* Vol. 27, n. 1. Maringá, 2005.

STRATHERN, P. **Nietzsche em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

VICO, G. **Ciencia Nueva**. Madri: Editorial Tecnos, 2006.

_____. **Vida e Obra**, Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1974.